

ÁFRICA DO SUL NÃO RESPEITA O ACORDO DE NKOMATI

21.3.87 — **causação do Presidente Joaquim Chissano em entrevista a vários jornais**

O Presidente Joaquim Chissano disse que a África do Sul não respeita o Acordo de Nkomati, assinado com a República Popular de Moçambique em 16 de Março de 1984. O Chefe do Estado fez esta declaração numa entrevista concedida a vários jornais e publicada no semanário sul-africano «Weekly Mail», elaborada pela jornalista Viv Watt, do diário novaiorquino «Newsday». Nessa entrevista, o Presidente Joaquim Chissano

PERGUNTA — Consideraria, sob alguma condição, negociações com a RENAMO?

CHISSANO — Nós sabemos como é que esse grupo de bandidos se formou: ele foi criado por Ian Smith reco-

bandidos armados. Quando deixarem de os apoiar, então poderão apresentar as suas novas propostas. Até lá, não vejo nenhuma possibilidade.

Poderíamos aceitá-lo, se se tratasse da primeira vez. Mas agora eles têm que cumprir algo primeiro.



O semanário sul-africano «Weekly Mail» dedicou na sua edição de 6 a 12 de Março as duas páginas centrais à entrevista concedida pelo Presidente Joaquim Chissano, tal como se vê na imagem

nheceu-o pessoalmente. Dizer hoje «agora terás que negociar com eles...» — seria melhor negociar com Botha, e claro que o fizemos, porque foi Botha que sucedeu a Smith. Nós não tivemos que negociar com Smith, nós vencemo-lo.

P. — Voltando ao passado, o Senhor Presidente acredita que as duas partes permanecerão fiéis ao Acordo (de Nkomati)?

C. — A África do Sul já não o respeita. Mas o acordo serviu para mostrar o caminho correcto, e agora nós e a comunidade internacional temos um instrumento com que pressionamos a África do Sul.

A África do Sul teve de mudar a sua tática. É mais difícil agora à África do Sul atacar-nos devido ao Acordo de Nkomati. Sem ele, seria muito mais fácil para a África do Sul atacar-nos. Claro que preferíamos que a África do Sul respeitasse as suas normas e os seus princípios.

P. — Tem provas concretas de que a África do Sul apoia a RENAMO?

C. — Até Janeiro deste ano, temos provas disso. Mas de Janeiro até agora temos apenas algumas informações do que estão a fazer. Eles falharam várias operações e não têm feito ameaças ao nosso País.

Eles possuíam planos para reabastecer os bandidos pelo mar em Dezembro e Janeiro, mas não foram bem sucedidos. Planearam também intensificar os ataques no Sul do País e, particularmente, à cidade de Maputo.

P. — Tenciona discutir essas questões com o Presidente Botha?

C. — De maneira nenhuma, não vejo razão para isso. Temos um acordo e até serem criadas bases para que o encontro seja bem sucedido, não vejo razões para tomarmos essa iniciativa.

Eles querem encontrar-se connosco, mas querem-no sem bases definidas. Eles sabem o que queremos, já o anunciamos. Queremos que eles ponham definitivamente fim ao apoio aos

disse que o nosso País possui provas concretas do apoio da África do Sul aos bandidos armados e que o regime de Pretória estava a utilizar o Malawi para abastecer e treinar grupos terroristas. «Hoje, o Malawi, está do nosso lado, posso dizê-lo e cooperamos no combate aos bandidos» — afirmou o Presidente Joaquim Chissano. Dada a importância da entrevista, passamos a transcrevê-la numa versão da AIM.

P. — Parece que se está a desenhando uma aproximação ao Ocidente: isso é verdade?

C. — Nós fomos sempre apologetas da existência de boas relações com todos os países do mundo, a nossa Constituição é muito clara sobre isso. Muitos países ocidentais, particularmente os membros da NATO, eram-nos hostis.

Entendemos que nós deveríamos movimentar diplomaticamente para os atrair até nós e fazê-los compreender o que somos verdadeiramente. A aproximação amigável dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha reflecte o sucesso do nosso trabalho.

P. — Mas isso não entra em contradição com as vossas estreitas relações com a União Soviética?

C. — Não, porque a base é a nossa independência. Nós não nos deixamos usar por um país contra o outro, ser peão de um poder contra o outro.

APRENDEMOS MAIS EM 10 ANOS

P. — Senhor Presidente, relativamente ao vosso novo programa de reformas económicas e de promoção do sector privado, o Senhor e outros membros da Frelimo têm um desgosto dos vossos ideais socialistas originais?

C. — Não penso assim. Tudo o que decidimos na Frelimo é discutido intensamente e pomos questões como essa antes de tomarmos as decisões.

Isso não contraria os princípios do socialismo. Nós queremos uma economia próspera. Não retiramos nada ao sector privado em benefício do socialismo, porque simplesmente não havia sector privado. O trabalho colectivo era algo de natureza africana. Portanto, o socialismo era perfeitamente aplicável em Moçambique.

Muita gente afirmou que Moçambi-

que se encontrava na bancarrota devido à sua má política, porque eles, «o povo boçal», não souberam administrar depois da retirada dos portugueses.

P. — Regressemos à guerra: qual é o maior problema na reforma do Exército e na sua transformação numa eficiente força de combate?

C. — A logística. Os outros problemas estamos a ultrapassá-los, a falta de experiência, mas também necessitamos do apoio da comunidade internacional.

No início, muitos tinham a tendência de atribuir-nos a responsabilidade dos distúrbios na região. Mas neste momento a opinião internacional é a nosso favor. Assim, criaram-nos condições para que possamos combater com mais vigor os terroristas. O apoio que recebemos da África do Sul já não é o mesmo. Há mesmo uma divergência de opiniões sobre isso na África do Sul.

Em segundo lugar, a África do Sul utilizava o Malawi para abastecer e treinar os bandidos. Hoje, o Malawi está do nosso lado, posso dizê-lo, e cooperamos no combate aos bandidos.

P. — Senhor Presidente, chegou ao poder em trágicas circunstâncias. Como é que se compara com o Presidente Samora Machel?

C. — O Presidente Machel era um homem dinâmico, muito mais dinâmico do que eu sou, cheio de energia. Foi-o. Eu necessito de muito mais apoio do que ele para tomar decisões.

A diferença é que ele era muito mais capaz do que eu. A unidade

do Povo, que se tornou mas força depois da morte do Presidente Machel, é a minha força.

Se eu não me tivesse apercebido dessa unidade, não teria usado aceitar o cargo que ocupo. Eu teria dito não, que não conseguia, não tenho energia, não tenho força.

Mas politicamente, ideologicamente, éramos iguais — e por outro lado grandes amigos. O Presidente Machel era um soldado como eu o sou também. Ele era um diplomata e eu sou igualmente um diplomata. Eu não fazia diplomacia sem ele, e ele não combatia sem mim.

Vivemos juntos. Conheci-o quando era ainda enfermeiro em Maputo. Mas eu era mais novo do que ele, razão pela qual não nos juntámos na altura. Mas quando nos encontramos pela segunda vez na Tanzânia, em 1964, tornámo-nos amigos. Dormimos na mesma cama, debaixo da mesma árvore, trocámos de cobertores sempre que um tinha mais frio do que o outro.

P. — É da opinião que o Presidente Machel morreu num acidente?

C. — Eu diria num acidente provocado. Isto foi confirmado no relatório factual da comissão de investigação. O relatório revela que o avião foi desviado por um aparelho colocado fora de Moçambique. Mas onde? Por quem? Isto ainda não teve resposta.